

Prof. Ricardo Madureira

**ENTREGUE APENAS A FOLHA DE RESPOSTAS****PARTE I – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO**

O texto que você lerá a seguir, embora aborde o Natal cristão, não é um texto religioso, mas literário; portanto, não pretende interferir nos valores pessoais do leitor. Além disso, pode ser interpretado independentemente de crença ou não crença religiosa.

NATAL

*Cecília Meireles*

Como estamos mudados! Em meio século, perdemos aquela ingenuidade dos votos dirigidos de janela a janela: “Boas Festas!”, “Feliz Ano Novo!”; das ceias tradicionais, talvez copiosas, porém modestas; das lembrancinhas oferecidas às crianças como um dom misterioso do céu; dos vestidos novos para os ofícios das igrejas e as visitas aos presépios; alegria das músicas e cânticos, deslumbramento dos olhos diante de uma Belém infantil, com patinhos nos lagos e lavadeiras nos rios... Ah! como éramos sensíveis, imaginativos! Como estávamos prontos a completar, com a nossa memória dos episódios evangélicos, a paisagem arbitrariamente inventada! Como achávamos naturais todas as coisas desconstruídas naquele mundo fictício! Talvez prévissemos que o nosso não o era menos, e igualmente e misteriosamente desconstruídas as coisas que nele iríamos presenciar!

Esperávamos por esses últimos dias do ano combinando sonhos de novas alegrias alimentadas pelas lembranças dos anos anteriores. A vida estava assim pautada, na terra, sobre exemplos de coisas celestes. Essa mistura do humano com o divino trazia-nos como num estado de levitação, e mesmo em redor de nós tudo era ascensão de anjos e santos, uma aparição deslumbrada de Magos e um acordar sobrenatural de pastores. Falávamos de tudo isso com uma surpreendente naturalidade. Conhecíamos a linguagem dos sinos, cujas mensagens pareciam na verdade descer do céu para a nossa inocência feliz e luminosa.

Enfim, éramos felizes porque um Menino, ao mesmo tempo parecido com todas as crianças, e diferente de todas elas, nascera um dia, num lugar muito longe, e era uma alegria festejar-lhe o aniversário, não só por ser assim como um irmãozinho de todos nós, mas porque a Sua bondade era uma esperança para os nossos pequenos corações, já assustados e tímidos, secretamente desejosos de felicidade.

Mas pouco a pouco tudo foi ficando tão complicado, tão difícil! Das simples ceias familiares, que apenas aproximavam as pessoas num convívio sentimental, passou-se às grandes ceias de repercussão social, ceias festivas em luxuosos ambientes, sem compreensível relação com a data do calendário. Das lembrancinhas modestas que recebiam as crianças, por aquele

acontecimento, dos cartões de boas festas afetuosos e ingênuos, passou-se a uma superabundância de presentes, a uma efusão de votos, a uma profusão de árvores de Natal, dos mais diversos feitios e coloridos — e tudo se converteu numa grande festa decorativa, ruidosa, suntuosa, profana, em que se confundem tradições cristãs e pagãs e se misturam as celebrações religiosas do Menino Jesus com as alegrias do Ano Novo.

(Ah! quem vos visitou, lugares humildes da Palestina, que ainda hoje pareceis os mesmos de outrora, em vossa rústica simplicidade. Lugares de onde, no entanto, iria surgir uma nova luz — na verdade, uma nova Estrela — para os povos da Terra!)

E, de repente — seja no Rio ou em São Paulo, ou em qualquer grande centro ocidental — essas avenidas enfeitadas, essas lojas acesas, esses fantásticos presentes que se acumulam, sugestivos e atraentes por todos os lados! E as mãos ágeis dos vendedores que abrem e fecham caixas, estendem papéis maravilhosos, desenrolam atilhos dourados, fitas cintilantes, que entre os seus dedos se convertem em flores de inúmeras pétalas!

Tudo isso em torno do Nascimento daquele Menino que, a princípio um pequenino fugitivo perseguido, passa logo a uma iluminada criança a discutir com doutores — sem que se possa adivinhar se algum dia brincou, despreocupado, nem que brinquedos terão sido os seus. Em todo caso, se esta pompa, se este delírio, se estas luzes copiosas, se estas horas inquietas dos Natais de hoje servem para aproximar as criaturas, malgrado o contraste de tanto fausto e grandeza com a doce pobreza de Jesus — estes Natais assim celebrados continuarão a ser uma bela e feliz festa cristã!

Extraído do livro “**Ilusões do Mundo**” (Editora Nova Aguilar)

**QUESTÃO ÚNICA** - A seguir, há proposições VERDADEIRAS e FALSAS. Associe-lhes V (verdadeiro) ou F (falso):

1. **F** A autora deixa transparecer a ideia de que os Natais, antigamente, soavam artificiais e falsos.
2. **V** No primeiro parágrafo, a autora acredita que pode haver semelhanças entre o mundo fictício e o real.
3. **V** As celebrações natalinas, no tempo antigo, pareciam trazer maior sensação de paz e alegria que o Natal do tempo em que a crônica foi escrita.
4. **F** A superabundância de presentes é um exemplo da ingenuidade dos Natais de antigamente.
5. **V** No quarto parágrafo, a autora destaca que nem sempre as celebrações natalinas se parecem com um ritual religioso.
6. **F** A profusão de árvores de Natal é algo que a autora vê como positiva nos natais de seu tempo.
7. **V** A autora passa a imaginar como teria sido a infância de Jesus, se poderia ter tido uma infância comum.
8. **V** O delírio, a pompa, as luzes copiosas e as horas inquietas são características do Natal moderno que a autora não admira.
9. **F** Pode-se perceber que a autora adota uma visão completamente idealizada dos natais antigos.
10. **F** A autora revela uma visão pessoal completamente negativa dos natais atuais.

## PARTE II – GRAMÁTICA

❶ A seguir, há frases CORRETAS e INCORRETAS quanto à **colocação pronominal** (ênclise, próclise e mesóclise).

Assinale com X (nos parênteses) as CORRETAS:

1. ( ) Poderia-se dizer que a situação é muito grave.
2. (X) Dir-se-ia que tudo corria bem até aquele momento.
3. ( ) Escreverei-te quando eu encontrar algum tempo.
4. ( ) “Não dei-lhe permissão para sair,” disse a professora.
5. ( ) “Se liga nesta campanha!”, dizia o anúncio publicitário.
6. (X) Dar-lhe-ei uma nova oportunidade, meu amigo.
7. ( ) Aquilo desagradava-me profundamente.
8. ( ) Explicarei-lhe tudo quando for oportuno, meu amor.
9. ( ) Tinham avisado-me que as aulas seriam suspensas.
10. ( ) Meu querido amigo, já dei o recado que pediste-me.
11. (X) Não insista. Jamais lhe revelarei o que fiquei sabendo.
12. (X) Esperamos que se não desobedeçam às normas do regulamento.
13. (X) Não lhe havia dito nada porque você não me perguntou.
14. ( ) Não havia dito-lhe nada porque achei desnecessário.
15. (X) A verdade, meu amigo, por que a não dizes?
16. ( ) “Meu caro, me conte direito esta história,” disse Paulo.
17. (X) “Tomar-se-ão todas as providências”, prometeu solenemente o diretor.
18. ( ) “Que Deus acompanhe-te vida afora, meu filho!”, disse a mãe na despedida.
19. ( ) Nunca pode-se dizer categoricamente um “sim”, sem firme convicção.
20. (X) Sempre se pode dizer um “não” quando nossa consciência nos obriga.

❷ Coloque a letra correspondente à opção correta (se as duas opções forem corretas, coloque o número 2 no parêntese):

▪ Obs.: Não é válido colocar uma única resposta em todos os parênteses, sob pena de anulação da questão.

1. (A) A moça ficou (A. *meio* – B. *meia*) aborrecida comigo.
2. (B) Já passava de meio-dia e (A. *meio* – B. *meia*) quando almoçamos.
3. (A) Já (A. *faz* – B. *fazem*) muitos anos que não vamos à praia.
4. (A) (A. *Havia* – B. *Haviam*) na festa mais pessoas do que esperávamos.
5. (B) “Muito (A. *obrigado* – B. *obrigada*),” disse Roberta a seu amigo.

6. (2) A maior parte dos eleitores (**A.** *faltou* – **B.** *faltaram*) às urnas neste pleito.
7. (B) Vinte por cento dos eleitores não (**A.** *compareceu* – **B.** *compareceram*) às seções eleitorais.
8. (A) (**A.** *Deve* – **B.** *Devem*) haver outros meios de resolver o problema.
9. (B) “Entrada é (**A.** *proibida* – **B.** *proibido*)”, dizia a placa.
10. (B) “Por favor, eu gostaria de ficar (**A.** *a só* – **B.** *a sós*)”, disse ele.
11. (2) Comprou uma jaqueta e uma bolsa (**A.** *vermelha* – **B.** *vermelhas*).
12. (2) Comprou uma bolsa e um casaco (**A.** *vermelho* – **B.** *vermelhos*).
13. (A) Você escolheu (**A.** *péssimo* – **B.** *péssimos*) local e hora para o encontro.
14. (A) Você escolheu (**A.** *péssima* – **B.** *péssima*) hora e local.
15. (2) Estudo (**A.** *as línguas inglesa e francesa* – **B.** *a língua inglesa e a francesa*).
16. (2) “Os Lusíadas” (**A.** *glorificou* – **B.** *glorificaram*) o nome de Camões na literatura.
17. (B) Os Estados Unidos (**A.** *é* – **B.** *são*) o país mais rico do mundo.
18. (A) Eduardo (**A.** *era* – **B.** *eram*) os desvelos <sup>(dedicação)</sup> de seus pais.
19. (A) (**A.** *Deu* – **B.** *Deram*) uma e meia no relógio da matriz.
20. (2) “Hoje (**A.** *é* – **B.** *são*)” quinze de novembro,” disse minha mãe.
21. (B) “(**A.** *Contrata-se* – **B.** *Contratam-se*) professores com experiência,” dizia o anúncio.
22. (A) “(**A.** *Precisa-se* – **B.** *Precisam-se*)” de professores de inglês nativos.
23. (B) Não se (**A.** *pode* – **B.** *podem*) dizer tais coisas, meu amigo.
24. (2) (**A.** *Chegou* – **B.** *Chegaram*) o pai e os filhos à reunião da escola.
25. (2) Ele foi um dos alunos que mais se (**A.** *destacou* – **B.** *destacaram*) este ano.
26. (2) “Hoje sou eu quem (**A.** *paga* – **B.** *pago*) a conta”, disse Roberto.
27. (2) Alguns de nós (**A.** *seremos* – **B.** *serão*) responsabilizados por isso.
28. (2) Tu, sua esposa e seus filhos (**A.** *serão* – **B.** *sereis*) muito felizes.
29. (A) Mais de uma pessoa se (**A.** *feriu* – **B.** *feriram*) durante os protestos.
30. (B) Mais de um político se (**A.** *agrediu* – **B.** *agrediram*) verbalmente na tribuna.
31. (B) Havia (**A.** *bastante* – **B.** *bastantes*) alunos no protesto contra o governo.
32. (B) Todos precisam estar (**A.** *quite* – **B.** *quites*) com a justiça eleitoral.
33. (2) “Permaneçam (**A.** *alerta* – **B.** *alertas*), marujos”, gritou o capitão.
34. (A) Qual de vocês (**A.** *saberá* – **B.** *saberão*) me dizer o que aconteceu?
35. (A) Um por cento não (**A.** *compareceu* – **B.** *compareceram*) à prova do Enem.
36. (2) Um por cento dos candidatos não (**A.** *compareceu* – **B.** *compareceram*) à prova.
37. (A) A ciência está progredindo, (**A.** *haja vista* – **B.** *hajam vista*) as pesquisas contra o câncer.
38. (A) “No salão, tinham (**A.** *menos* – **B.** *menas*) cadeiras que o necessário”, disse a moça.
39. (B) “(**A.** *Forra-se* – **B.** *Forram-se*) ternos,” dizia a placa do alfaiate.
40. (B) É (**A.** *necessário* – **B.** *necessária*) muita paciência no trato com os idosos.

3 A seguir, há proposições VERDADEIRAS e FALSAS quanto à pontuação. Associe V ou F:

1. **F** Em **períodos** como —“*O palestrante falava eloquentemente, e a audiência consultava seus celulares.*” — o uso da **vírgula** é incorreto.
2. **V** Em — “*O atleta treinou todos os dias porém, não obteve resultado satisfatório.*” — a **vírgula** está empregada incorretamente.
3. **V** O mesmo **período** acima poderia ser pontuado assim: “*O atleta treinou todos os dias; porém, não obteve resultado...*”.
4. **V** Ou ainda assim: “*... treinou todos os dias, porém não obteve resultado suficiente.*”.
5. **F** Em — “*Os alunos foram dispensados assim que divulgaram as notas.*” — a **vírgula** é mais comum do que em “*Assim que foram divulgadas as notas, os alunos foram dispensados.*” (**oração principal + subordinada adverbial**, ou vice-versa)
6. **F** Não pode haver **vírgula** em — “*Meu sonho é este, que toda a humanidade viva em paz.*” —, porque nunca pode ocorrer **vírgula** entre a **oração principal** e a **subordinada substantiva**.
7. **F** No **período** — “*Você já leu a obra ‘Helena’, que foi escrita por Machado de Assis?*” —, a **vírgula** é facultativa, por se tratar de **oração subordinada adjetiva explicativa**.
8. **V** O **período** — “*Os professores que aderiram ao movimento foram punidos.*” — pode ser também pontuado assim: “*Os professores, que aderiram ao movimento, foram punidos.*”, havendo mudança de interpretação.
9. **F** A **vírgula** é sempre obrigatória depois das **conjunções** que introduzem **orações coordenadas**.
10. **F** Nas **orações substantivas**, a **vírgula** é opcional quando vêm na ordem **substantiva + principal** e obrigatória na ordem inversa (**principal + substantiva**).
11. **F** Está correto o emprego dos **dois-pontos** em: “*Mamãe foi à feira e comprou: frutas, verduras e legumes.*”.
12. **V** Em — *Não escreva abatjour, meu senhor. Somos brasileiros! O certo é abajur.* —, podem ser usadas **aspas** em duas ocorrências.
13. **V** Na **oração**: “*O professor perguntou por qual motivo eu faltei à aula?*”, o ponto de interrogação está incorretamente empregado.
14. **V** Em — “*O Brasil, disse o orador, é um navio à deriva.*” — o trecho intercalado pode vir isolado por **travessões**.
15. **V** Quando a **oração substantiva** vem anteposta à **principal**, pode-se usar a **vírgula**, embora tal pontuação seja incomum.

### PARTE III – LITERATURA

❶ Coloque, no parêntese, 1, 2 ou 3 para, respectivamente, a primeira, segunda e terceira fase modernista:

1. (3) Leva ao fim completo das tendências ou escolas literárias.
2. (1) Faz uma ruptura radical com o Parnasianismo.
3. (2) Recupera o interesse do público em geral.
4. (1) No poema “Os sapos”, faz uma crítica sarcástica a uma escola anterior.
5. (3) Narrativas inovadoras, mas mantendo elementos básicos do romance tradicional.
6. (2) Primeiro retorno às formas do romance tradicional.
7. (2) José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, etc.
8. (3) Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto.
9. (1) Vanguardas europeias, revistas (Klackson, Pau-Brasil, etc.) e manifestos.
10. (1) Semana de Arte Moderna, promovida em São Paulo.
11. (3) Inovação na estrutura narrativa, em “A Hora da Estrela” (Clarice Lispector).
12. (1) Retoma, do Romantismo, o nacionalismo, o orgulho brasileiro.
13. (2) Retoma do Regionalismo e do Real/Naturalismo o interesse pelas questões sociais.
14. (2) Cecília Meireles, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes.
15. (1) Retomada, à sua maneira, de um ideal romântico, a saber: o nacionalismo, o orgulho patriótico.
16. (2) Aborda as grandes questões sociais que assolam o Nordeste (neorrealismo)
17. (1) Fase rejeitada pelo público em geral, cuja proposta não conseguiam compreender.
18. (1) Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Pichia, etc.
19. (2) Doidinho, Fogo Morto, O Quinze, Vidas Secas, A Bagaceira
20. (2) Regionalismo sulista, com “Os Ratos” (Dyonélio Machado) e “O Tempo e o Vento” (Érico Veríssimo).

\*\*\*



## MORTE E VIDA SEVERINA (João Cabral de Melo Neto, 1920-1999)



Elba Ramalho (“Senhora da Janela”) e José Dumont (Severino)

② Leia o seguinte fragmento do poema: “Como aqui é morte é tanta / só é possível trabalhar / nessas profissões que fazem / da morte ofício ou bazar”. Explique o que a “senhora da janela” quis dizer com: “De um raio de muitas léguas / vem gente aqui me chamar; / a verdade é que não pude / queixar-me ainda de azar”, quando Severino lhe pergunta: “É boa essa profissão em que ora a senhora está?” (por que ela se julga uma pessoa de sorte, mesmo em meio a tanta mortandade?) (aponte elementos específicos do poema).

*Em meio à pobreza geral, ela consegue se manter, vivendo “de a morte ajudar”, como rezadeira, benzedeira, cantora de benditos e de “incelenças” (nos velórios), etc.*

③ Como a seguinte música brasileira (“Viver e não ter a vergonha de ser feliz”, de Gonzaguinha — 1945-1991) apresenta uma semelhança com o final do poema de João Cabral? (Na resposta,  mencione o episódio em que Severino dialoga com o mestre Carpina. “Mas e a vida / Ela é maravilha ou é sofrimento? / Ela é alegria ou lamento? / O que é? O que é? Meu irmão (...) Sempre desejada / Por mais que esteja errada / Ninguém quer a morte / Só saúde e sorte / E a pergunta roda / E a cabeça agita / Eu fico com a pureza / Da resposta das crianças / É a vida, é bonita / E é bonita... Viver, e não ter a vergonha de ser feliz...”



Sebastião Vasconcelos e José Dumont (Mestre Carpina e Severino)

*Enquanto Severino sugere ao mestre Carpina que deseja se suicidar, jogando-se da ponte no Rio Capibaribe, o mestre Carpina recebe a notícia de que seu filho acaba de nascer (este menino simboliza Jesus, pois recebe vários presentes, como se fosse a visita dos Reis Magos\*). Estão em evidente contraste vida e morte; a vida insiste em continuar, mesmo que seja às vezes maravilha ou sofrimento; no fim do poema, vê-se que Severino sente-se contagiado pelo nascimento da criança e desiste de sua ideia sinistra, porque a vida continua brotando em meio a todas as dificuldades. (O poema tem como subtítulo “Auto de Natal”).\**

## QUESTÃO OPCIONAL (valendo 1,0 ponto extra)



(Marcélia Cartaxo, “Macabéa”)

Como Clarice Lispector conseguir inovar na narração de “A Hora da Estrela” (1977), mesmo quando as experimentações modernistas já estavam praticamente esgotadas (lembrete: para alguns autores, essa estética termina em 1980.)

*O narrador em “A Hora da Estrela” não é um personagem; a autora o mostra o narrador como um escritor (Rodrigo S.M.) criando o próprio livro e explicando um pouco do processo ao leitor. Trata-se de um claro caso de metalinguagem. É como se Lispector não fosse a autora de “A Hora da Estrela”, mas sim o fictício Rodrigo S.M. A autora criou um “outro autor” para seu livro.*

👤 LEVE ESTA PARTE. CONFIRA O GABARITO NO MEU SITE: [profricardomadureira.com.br](http://profricardomadureira.com.br)